

52.2.71 - M J

041 M

H2 08H - aibaA

042 M

PD 440 110

## Excesso de Brasileiros

Rubem Braga

FICAMOS sabendo, pelo relatório de uma comissão de deputados norte-americanos, que o Brasil pediu ajuda aos Estados Unidos para estudos demográficos necessários à elaboração de um programa de controle da natalidade em nosso país.

Parece que o sr. Roberto Campos desmente essa notícia que, entretanto, partiu do sr. Dean Rusk, secretário de Estado americano.

Não quero intrigar esses dois cavalheiros, nem propor uma acareação. Como é, porém, forçoso acreditar em um dos dois, prefiro acreditar no sr. Dean Rusk, por uma questão de hierarquia. Vamos logo à fonte, às cabeceiras; em assuntos do Brasil é melhor dar crédito a Washington, porque é lá que se resolve o que devemos fazer e mesmo o que devemos querer, e pedir.

O caso é, parece, que o Brasil cada ano tem mais gente, e menos de comer. Aumentar a comida é difícil: é mais fácil diminuir a gente, ou, pelo menos, impedir que ela continue proliferando demais. Há quem diga que nosso país, uma vez desenvolvido dentro das condições atuais da ciência e da técnica, tem terra e recursos para alimentar uma população dez vezes maior do que a atual. Devem ser falácias, como gosta de dizer o sr. Campos. Há quem diga também que o próprio desenvolvimento, aumentando o nível de vida das massas, diminui a taxa de natalidade; as estatísticas mostram que fazer filhos é, sobretudo, um divertimento de pobre.

Aí caímos em um círculo vicioso: reproduzimos muito porque somos subdesenvolvidos e somos subdesenvolvidos porque reproduzimos muito.

Acontece que a Igreja não vê com bons olhos a limitação dos filhos — e isso, se me permitem a expressão, é o diabo. O remédio talvez fôsse fazer um empréstimo para construir tôrres e comprar armas nos Estados Unidos, com instruções sobre a maneira mais prática de diminuir a população; também poderíamos importar o know-how para reduzir o número de enfermeiras, medida recomendável por si mesma e também por importar em menor assistência aos doentes, que assim faleceriam em maior número sem necessidade de apelar para o condenável recurso ao suicídio.

Condenável, está visto, do ponto de vista da Igreja. Porque, tecnicamente, um incremento de suicídios poderia ser uma solução a curto prazo mais prática e inteligente para atenuar e mesmo eliminar o excesso de população. Parece, entretanto, que o sr. Roberto Campos se contenta com medidas graduais de combate à inflação de gente, embora ache mais fácil e eficiente o tratamento de choque. Enfim, isso são problemas de consciência que o marechal Castelo Branco costuma resolver com frei Leovigildo, da Igreja de Nossa Senhora da Paz, e não comigo.

No que, allás, faz bem.

DN - 11.8.66